

TEATRO

O PRAQUÊ DO MARIDO

Antônio Roberto Gerin

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional, sob o n. 764.215

Personagens

DOUTOR *(Marido)*
PRAQUÊ *(Encanador)*

ATO I

DOUTOR *(Entra. Surpreende-se com a presença de um estranho.) -
Que é isso? Quem é você?*

PRAQUÊ *(Voltando-se.) - E aí, doutor, tudo bem?*

DOUTOR O que é que você está fazendo agachado aí? Na cozinha
da minha casa?

PRAQUÊ Eu estou consertando o vazamento da pia.

DOUTOR Isso é conversa. Nunca teve vazamento aí.

PRAQUÊ Tem vazamento sim, doutor. O senhor é que não ficou
sabendo.

DOUTOR Eu vou chamar a polícia.

PRAQUÊ Nesse momento, eu sou o encanador, às suas ordens.

DOUTOR Cadê o uniforme?

PRAQUÊ Eu não uso uniforme.

DOUTOR *(Afastando-se.) - Levanta daí, agora! Mãos pro alto. Sem*

se mexer! (*Praquê se levanta.*) O que é que você tem na mão?

PRAQUÊ (*Mostrando a ferramenta.*) - Doutor, isso é uma ferramenta.

DOUTOR Que ferramenta é essa? Deixa eu ver.

PRAQUÊ O senhor não sabe?

DOUTOR Eu é que faço as perguntas aqui. Que ferramenta é essa?

PRAQUÊ Uma chave inglesa.

DOUTOR Coloca em cima da pia. (*Pausa.*) Cadê a sua mochila?

PRAQUÊ (*Colocando a ferramenta sobre a pia.*) - Pra que mochila?

DOUTOR Todo encanador tem uma mochila.

PRAQUÊ Está no carro.

DOUTOR Cadê o carro?

PRAQUÊ Está na rua.

DOUTOR Eu não vi carro nenhum lá fora.

PRAQUÊ O senhor não acha que está fazendo pergunta demais?

DOUTOR Quem você pensa que é?

PRAQUÊ Eu sou um sujeito que faz de tudo. Hoje eu trabalho por conta. Mas já trabalhei numa empresa chamada Pra Quê Marido.

DOUTOR Pra que o quê?

PRAQUÊ O cara que faz aquilo que o marido não faz.

DOUTOR Eu sou o marido. E o que é que eu não faço?

PRAQUÊ Aquilo que eu faço. E eu faço quase de tudo. Só me

chamar.

- DOUTOR Você está dizendo que eu não sirvo pra nada?
- PRAQUÊ A ideia não é essa, doutor.
- DOUTOR E qual é a ideia?
- PRAQUÊ O senhor é um homem importante, que faz coisas importantes, o senhor não vai ter tempo pra cuidar da sua casa.
- DOUTOR *(Olhando em volta.)* - Cadê a minha mulher?
- PRAQUÊ A Madalena foi na padaria.
- DOUTOR Madalena?
- PRAQUÊ A sua esposa.
- DOUTOR A Madalena é a minha mulher.
- PRAQUÊ Foi o que eu disse.
- DOUTOR Como é que você sabe que ela é a minha mulher?
- PRAQUÊ Se o senhor me diz que essa cozinha é a cozinha da sua casa, e se essa cozinha é também a cozinha da Madalena, fico então sabendo que a Madalena é sua mulher.
- DOUTOR Foi ela que te chamou.
- PRAQUÊ Eu estou sempre às ordens, doutor. Agora, se o senhor me permite, eu quero voltar ao trabalho. Prometi pra Madalena que eu terminaria antes de ela voltar da padaria.
- DOUTOR *(Reage.)* - Fica longe da minha pia!
- PRAQUÊ *(Afasta-se.)* - Calma, doutor.
- DOUTOR Como é que a minha mulher vai à padaria e deixa você sozinho nessa casa?

- PRAQUÊ Tudo é feito na confiança, doutor.
- DOUTOR Minha mulher confia em você a ponto de deixar você sozinho, com todas as portas abertas.
- PRAQUÊ Se ela tem que sair, por que não? Eu fico terminando o meu trabalho e cuidando da casa.
- DOUTOR Então você já veio aqui outras vezes.
- PRAQUÊ Que é isso, doutor, eu conheço isso aqui mais que a palma da minha mão.
- DOUTOR Eu nunca fiquei sabendo de vazamento nenhum nessa casa.
- PRAQUÊ Não é só vazamento que eu conserto.
- DOUTOR Mas você é o encanador.
- PRAQUÊ Não, doutor, eu não sou só encanador. Tudo o que o senhor pode imaginar que acontece numa casa desse tamanho eu resolvo. Essa casa é antiga, quando menos se espera, surge um problema aqui, ali, acolá, no telhado, depois uma rachadura, as vidraças, doutor, como tem vidro nessa casa! E a Madalena é muito exigente, ela é uma mulher e tanto, doutor, na confiança e na paciência eu vou consertando as coisas. Dou toda a atenção que a Madalena merece.
- DOUTOR A minha mulher já tem tudo o que ela precisa.
- PRAQUÊ Eu sei, doutor. Mas tem coisa que o senhor não pode fazer.
- DOUTOR Você troca lâmpada?
- PRAQUÊ Demais.
- DOUTOR Tira mancha.
- PRAQUÊ Lavo até louça, se ela me pedir.

- DOUTOR Desentope cano, lógico.
- PRAQUÊ Os banheiros são os mais problemáticos. O banheiro da Madalena é o que mais entope. A banheira, então, nem se fala. Mas me permite uma pergunta. O que é que o senhor está fazendo aqui essa hora? Com esse tanto de pergunta pra cima de mim? Eu nunca vi o senhor por aqui.
- DOUTOR Eu moro aqui.
- PRAQUÊ Que o senhor mora aqui, que o senhor é o marido, isso eu sempre soube. O senhor tem um monte de terno bonito, tudo escuro e marrom, pensa que eu não sei?
- DOUTOR Até no meu armário você andou mexendo!
- PRAQUÊ Tive que aprumar as portas.
- DOUTOR Eu nunca soube que as portas do meu armário estavam com problema.
- PRAQUÊ Vai me dizer que o senhor não reparava como é que elas fechavam?
- DOUTOR Você não acha que está indo longe demais?
- PRAQUÊ O senhor não está acreditando que eu aprumei as portas.
- DOUTOR Eu conheço as portas do meu armário.
- PRAQUÊ Pergunta pra Madalena.
- DOUTOR *(Irritado.)* - Dona Madalena!
- PRAQUÊ Me desculpe o doutor marido, mas eu estou acostumado a chamar a Madalena de Madalena. E a Madalena foi na padaria, e ela está voltando daqui a pouco, e o senhor não está me deixando terminar o serviço.
- DOUTOR Você, com certeza, deve saber o que ela foi fazer na padaria.
- PRAQUÊ Comprar broa de milho.

- DOUTOR Broa de milho? Eu não gosto de broa de milho.
- PRAQUÊ Eu gosto.
- DOUTOR Mas eu não gosto!
- PRAQUÊ Doutor, ela foi comprar pra mim.
- DOUTOR Pra você!
- PRAQUÊ Não pode? Eu não mereço?
- DOUTOR Você está achando que a minha mulher foi à padaria comprar broa de milho pra você.
- PRAQUÊ Eu adoro broa de milho com café bem quentinho. Olha aqui o café que eu acabei de passar. O senhor toma café? Pode tomar, se o senhor quiser. Aproveita que está quentinho. Eu gosto dele fumando! A Madalena não pode demorar, senão o café vai esfriar. Mas também, se esfriar, *(Aponta.)* tem o microondas pra esquentar.
- DOUTOR Você deixa mesmo eu tomar um pouco do seu café.
- PRAQUÊ Que é isso doutor, a casa é sua.
- DOUTOR *(Irônico.)* - De fato, é a minha casa.
- PRAQUÊ Eu não estou gostando desse seu jeito de conversar, doutor. Eu não estou sabendo entender o que o senhor está querendo dizer.
- DOUTOR Pois então eu vou ser bastante claro. Sendo esta a minha casa, tendo eu o poder de permitir ou não que alguém fique ou não dentro dela, e querendo eu que você não fique, peço que se retire imediatamente. Agora!
- PRAQUÊ Eu não posso fazer isso não.
- DOUTOR Eu estou exigindo.
- PRAQUÊ Eu não terminei de consertar o vazamento. Eu não posso fazer isso com a Madalena.

- DOUTOR Com a Madalena converso eu.
- PRAQUÊ Nem pensar, não aceito.
- DOUTOR Saia da minha casa, agora!
- PRAQUÊ E a minha broa de milho?
- DOUTOR *(Praquê toca a cafeteira.)* - Tira a mão daí!
- PRAQUÊ Eu só quero ver se o café ainda está quente.
- DOUTOR Eu já disse, tira a mão daí! Fora! Eu termino o serviço.
- PRAQUÊ O senhor não sabe tirar vazamento.
- DOUTOR Olha pra mim. Você sabe quem eu sou? Pra chegar aonde eu cheguei, eu tive que aprender muita coisa. *(Insinuante.)* Você sabia que eu sou campeão de tiro? Que eu consigo acertar um alvo de dez centímetros a duzentos metros de distância? Quer conhecer a minha coleção de armas? *(Muda o tom.)* Dou dois minutos pra você terminar o serviço.
- PRAQUÊ Sei que o senhor é um homem muito preparado, mas, nestas condições, não é possível eu terminar o serviço. O senhor não pode me pressionar.
- DOUTOR Deixa eu ver essa porcaria de vazamento. Sou capaz de apostar que não tem vazamento coisa nenhuma. *(Agacha-se, enquanto Praquê se afasta.)* Como é que você consegue enxergar alguma coisa nessa escuridão?
- PRAQUÊ Não precisa enxergar, é tudo na prática. Faço de olho fechado.
- DOUTOR *(Levantando-se.)* - Não tem vazamento nenhum.
- PRAQUÊ Como é que o senhor sabe, se o senhor não consegue enxergar?
- DOUTOR Passei a mão, está seco.

- PRAQUÊ Está seco porque eu já consertei.
- DOUTOR Você disse que ainda estava consertando.
- PRAQUÊ O senhor está vendo esse pano aqui? Quando o senhor chegou, eu tinha acabado de secar a junta da rosca. Eu estava justamente esperando uns segundinhos pra ver que não ia ter nenhuma água vazando. Pra isso eu enchi a pia. E foi nesse instante, quando a pia, que estava cheia, ficou totalmente vazia, foi que o senhor chegou, e era quando justo eu ia terminar o serviço, mas não terminei, por que o senhor me atrapalhou. Mas como o senhor me disse que está seco, eu confio no senhor e assim fico sabendo que eu terminei o serviço.
- DOUTOR Quanto é o serviço?
- PRAQUÊ Quem me contratou foi a Madalena.
- DOUTOR Eu quero pagar, só isso. Pra você ir logo dando o fora daqui. Quanto?
- PRAQUÊ Eu só recebo dela.
- DOUTOR Mas eu sou o marido!
- PRAQUÊ O senhor tem que entender que na minha cabeça quem tem que contratar os meus serviços é a mulher do marido, e é como se a mulher não tivesse marido, se ela não tem marido, o marido não paga, quem paga é a mulher.
- DOUTOR Mas, infelizmente, nesta casa tem marido.
- PRAQUÊ Pra mim é como se não tivesse. E não tem que ter marido mesmo não, porque senão eu perco o meu emprego. O senhor não vai mesmo tomar um cafezinho? Está esfriando.
- DOUTOR Será que eu posso?
- PRAQUÊ *(Abrindo o armário e pegando uma xícara.)* - Com certeza, doutor. *(Praquê mostra a xícara.)* A xícara está aqui. Se precisar esquentar, o microondas está ali. *(Vai*

até a geladeira e a abre.) Eu pego o açúcar pro senhor.

- DOUTOR *(Reage.)* - Fecha a minha geladeira!
- PRAQUÊ A Madalena tem a mania de guardar açúcar na geladeira.
- DOUTOR *(Empurra Praquê.)* - Sai da minha geladeira!
- PRAQUÊ Doutor, o senhor está nervoso.
- DOUTOR Ainda não. Mas vou ficar se você não desaparecer da minha casa!
- PRAQUÊ Vai dar não, doutor.
- DOUTOR Vai dar, sim!
- PRAQUÊ Vai não, doutor. Eu ainda tenho que desentupir a banheira.
- DOUTOR Você veio até aqui foi pra consertar o vazamento da pia.
- PRAQUÊ Eu não disse pro senhor, mas eu vou dizer agora. Eu fui chamado pra desentupir a banheira. Eu comecei a conversar com o senhor e acabei esquecendo. A Madalena quer tomar banho de banheira, eu prometi pra ela que rapidinho eu ia resolver o problema. *(Querendo ir para o quarto.)* Com licença, que o senhor está me atrapalhando.
- DOUTOR *(Obstruindo a passagem do Praquê.)* - Aonde é que você pensa que está indo?
- PRAQUÊ Pro quarto da Madalena.
- DOUTOR Pro meu quarto, você quer dizer.
- PRAQUÊ Pra mim é o quarto da Madalena.
- DOUTOR *(Ainda se interpondo no caminho do Praquê.)* - Você não vai pro quarto da minha mulher.
- PRAQUÊ Eu preciso desentupir a banheira.

- DOUTOR Quem me garante que a banheira está entupida.
- PRAQUÊ Doutor, eu estou apenas atendendo um chamado. É assim que eu trabalho!
- DOUTOR Vamos esperar a minha mulher voltar da padaria.
- PRAQUÊ Não posso, doutor. Eu prometi pra Madalena que ia fazer tudo rapidinho. Ela me ligou de manhã e me disse, Raimundinho...
- DOUTOR *(Interrompe.)* - Raimundinho!?
- PRAQUÊ Raimundo Nonato, às suas ordens. *(Estende a mão.)* E o senhor...
- DOUTOR *(Sem cumprimentar Praquê.)* - Você não sabe o meu nome?
- PRAQUÊ Não.
- DOUTOR A dona Madalena nunca mencionou o meu nome?
- PRAQUÊ Não.
- DOUTOR Não mesmo?
- PRAQUÊ Ela sempre fala. O meu querido falou isso, o meu queridinho comprou aquilo...
- DOUTOR Quer dizer que a minha mulher sempre chama o seu Raimundo para desentupir a banheira.
- PRAQUÊ Eu acho, doutor, que infelizmente só tirando a banheira fora pra resolver o problema.
- DOUTOR Com certeza você já sugeriu isso pra dona Madalena.
- PRAQUÊ É um serviço que eu não faço. Eu disse pra ela. Ela não gostou. Ela só aceita se o Raimundinho fizer.
- DOUTOR Mas o Raimundinho não é um faz tudo?

- PRAQUÊ Eu faço de tudo, doutor, brinco com tudo, mas se tem uma coisa que eu não faço é serviço de pedreiro. E não faço mesmo. Até sei fazer, mas não faço. Eu tenho ódio de pedreiro, de tanta porcaria que eles fazem. E se eu também for ser pedreiro, vou ter que sentir ódio de mim e sentir ódio de mim eu não sinto não.
- DOUTOR Por que a Madalena nunca reclamou da banheira pra mim?
- PRAQUÊ Bem, doutor, se ela nunca disse, aí é o senhor com ela e ela com o senhor.
- DOUTOR Ela teria me dito.
- PRAQUÊ Talvez ela não quer atrapalhar a sua mente com coisas da casa. Já chega o quanto ela deve ter preocupado o senhor por causa do brinco.
- DOUTOR *(Desconfiado.)* - Brinco?
- PRAQUÊ O senhor não se lembra da confusão do brinco?
- DOUTOR Confusão do brinco...! Do que é que você está falando?
- PRAQUÊ O brinco de pérola, doutor. Que parece que é como que uma bolinha esverdeada.
- DOUTOR *(Desconfiado.)* - Que brinco verde é esse que eu não conheço...
- PRAQUÊ Ah, doutor! O senhor é um homem de sorte, tem dinheiro pra comprar uma coisa bonita daquelas pra Madalena.
- DOUTOR Você está me dizendo que fui eu que comprei os brincos.
- PRAQUÊ Quando eu conheci a Madalena, que foi a primeira vez que ela me chamou, foi justo pra tirar o brinco que tinha caído no ralo da banheira. Mas não caiu não, foi ela que jogou. De tão agoniada que ela estava, nem preçõ nem nada ela perguntou. Só queria saber como é que o Raimundinho podia pegar o brinco que tinha caído no ralo. E ela repetia, desesperada, doutor, sentadinha na

banheira. Meu Deus, o que foi que eu fiz? Meu marido não pode saber! Que desespero o dela, doutor. Ela me olhava com os olhos tão pedintes, que eu disse pra mim mesmo. Vou pro inferno, mas eu vou tirar esse brinco do ralo. *(Silencia.)*

- DOUTOR Sim, vai... Continua!
- PRAQUÊ *(Orgulhoso.)* - Tirei, doutor!
- DOUTOR Eu nunca comprei brincos de pérola pra minha mulher.
- PRAQUÊ Lógico que foi o senhor que comprou.
- DOUTOR Quer saber mais do que eu.
- PRAQUÊ Eu vi com os meus próprios olhos a Madalena sentada na banheira, chorando, e dizendo. Se o meu marido souber o que eu fiz, ele não vai me perdoar!
- DOUTOR *(Encarando Praquê.)* - O que é que eu não vou perdoar?
- PRAQUÊ O senhor está me olhando com uma cara estranha. Está acontecendo alguma coisa? Eu acho que o senhor está achando que eu estou mentindo. *(Tentando conduzi-lo. Em tom firme.)* Foi o senhor, sim, que deu os brincos pra Madalena. Vem cá comigo.
- DOUTOR *(Afastando-se.)* - Tira a mão de mim!
- PRAQUÊ Eu não gosto que o senhor desconfia da Madalena.
- DOUTOR Aonde é que você está indo?
- PRAQUÊ Por aqui.
- DOUTOR Para!
- PRAQUÊ Os brincos estão no cofre.
- DOUTOR Como é que você sabe do cofre?
- PRAQUÊ Doutor, eu já abri esse cofre umas dez vezes.

- DOUTOR Não se aproxime do cofre.
- PRAQUÊ Os brincos estão aqui dentro.
- DOUTOR Tira a mão daí! Eu vou chamar a polícia.
- PRAQUÊ Doutor, para com essa mania de querer chamar a polícia.
- DOUTOR *(Intercepta Praquê.)* - Fica longe do meu cofre.
- PRAQUÊ *(Recua.)* - As fotos! *(Indo em direção a um móvel baixo.)* Eu adoro essa cômoda do Luis XV. É muito bonitinha.
- DOUTOR *(Indo em direção do móvel.)* - Fecha essa porta!
- PRAQUÊ *(Tirando de dentro da cômoda um álbum de fotografias.)*
- É aqui que a Leninha guarda as coisinhas dela.
- DOUTOR Leninha!
- PRAQUÊ *(Folheando o álbum.)* - Eu quero mostrar pro senhor a foto dela com os brincos.
- DOUTOR *(Tenta pegar o álbum, Praquê esquiva-se.)* - Tira as mãos desse álbum.
- PRAQUÊ Lembra quando o senhor foi pra cidade de Madri com a Madalena?
- DOUTOR *(Descontrolado.)* - Me dá aqui esse álbum!
- PRAQUÊ Para de gritar e me ouve! *(Acalma-se.)* Eu quero mostrar a foto dela pro senhor.
- DOUTOR Eu fui várias vezes a Madri com minha mulher.
- PRAQUÊ Foi na segunda vez, doutor, que o senhor foi, que o senhor comprou os brincos pra ela. Comemoração de um ano de casados, não lembra não? O hotel ficava perto de uma praça bonita. *(Procurando no álbum.)* Deixa eu ver... Aqui! Olha que praça bonita!

- DOUTOR *(Observando.)* - É a Plaza Major.
- PRAQUÊ Isso! Uma praça maior, grande. *(Procurando no álbum.)* Deixa eu ver onde está foto da joalheria... Vocês tinham ido visitar o museu da dona Sofia.
- DOUTOR Reina Sofia.
- PRAQUÊ *(Apresentando a foto.)* - Aqui, achei! Olha a foto, doutor, o senhor colocando o brinco na orelha da Madalena. Veja que o outro brinco já está na outra orelha. O senhor tem alguma coisa pra dizer que é mentira? Quando ela me chamou pra salvar o brinco, ela estava muito chateada com o senhor.
- DOUTOR Isso aí não é da sua conta, me dá aqui esse álbum!
- PRAQUÊ Ela usou os brincos na festa do ano novo, e o senhor nem notou nada!
- DOUTOR Se ela tivesse usado, é lógico que eu teria visto.
- PRAQUÊ Tem a foto pra provar que ela usou. Está no celular da Madalena. Ela jogou o brinco no ralo da banheira porque ela estava com raiva do senhor.
- DOUTOR Com que direito você está insinuando isso?
- PRAQUÊ O senhor magoou a pobrezinha. Elogiou os brincos da dona Sônia. E o senhor fez isso na frente da Leninha. O certo era o senhor ter reparado nos brincos da Madalena. E o senhor não reparou! *(Doutor sai em direção ao quarto, até o banheiro. Praquê, assustado.)* Onde é que o senhor está indo?
- DOUTOR Tirar uma dúvida. Eu quero ver se essa banheira está entupida mesmo. *(Tenta ligar a banheira. Praquê o segue.)* Como é que liga essa porcaria de banheira?!
- PRAQUÊ Deixa comigo, doutor, eu sou pago pra isso. *(Abre a torneira.)* Essas banheiras são antigas, mas das boas.
- DOUTOR Pra que mais você é pago?

- PRAQUÊ Como assim, doutor, eu não entendi.
- DOUTOR O que é que você está fazendo?
- PRAQUÊ Tampando o ralo.
- DOUTOR Você não vai tampar porra nenhuma!
- PRAQUÊ Calma, doutor.
- DOUTOR A água está descendo.
- PRAQUÊ Tem que encher um pouco pra analisar a vazão.
- DOUTOR Eu não sou burro! Eu estou vendo a água descer, não está entupida coisa nenhuma. Não tem nada de errado nessa casa. Minha mulher não precisa de você.
- PRAQUÊ Precisa sim, doutor.
- DOUTOR O que é que você quer com a minha mulher?
- PRAQUÊ Doutor, eu tenho que fazer uma pergunta pro senhor. O senhor já entrou com a Madalena nessa banheira?
- DOUTOR O quê...?!
- PRAQUÊ *(Em tom duro.)* - Fala a verdade, doutor.
- DOUTOR Repete a pergunta.
- PRAQUÊ É que a Madalena me contou que o senhor nunca... nunca entrou com ela na banheira. Ela queria tanto, doutor...! Que o senhor entrasse com ela... *(Vendo que o Doutor pega o celular.)* Calma, doutor, o senhor está com uma cara estranha. Que é que o senhor está fazendo?
- DOUTOR Qual o seu nome completo?
- PRAQUÊ Raimundo Nonato, às suas ordens, encanador e outras coisas. *(Doutor põe-se a discar o celular.)* O senhor está ligando pra Madalena?

- DOUTOR Eu estou chamando a polícia. Coronel, amigo meu.
- PRAQUÊ Doutor, o que foi que aconteceu?
- DOUTOR Você é que vai me dizer o que está acontecendo. Alô! Alô! (*Dirige-se ao Praquê.*) Qual o seu nome completo mesmo?
- PRAQUÊ Raimundo Nonato da Silva.
- DOUTOR (*Ao telefone.*) - Alfredo! Tudo bem? É o juiz Montoro! Tem alguma viatura aqui perto de casa? Fomos assaltados. Sim. Arrombaram o cofre. Tentaram fazer minha mulher de refém. Não vi, mas acho que é um ladrão só. Por sorte eu cheguei na hora. Eu só vi um. Ele está na casa ainda. Dois minutos? Dá pra controlar a situação, sim. Manda alguém colher as digitais do cofre. Vamos precisar dessa prova. (*Saindo, enquanto Praquê o segue.*) Eu vou te pedir um favor pessoal. Eu quero que você dê uma boa lição nesse bandido. Está entendido?
- PRAQUÊ (*Saindo.*) - Mas, doutor, cadê o bandido?(*Ouvem-se, ao longe, sons de sirene.*)

FIM

Brasília/DF, 4 de março de 2016, à noite.